



Bushcraft enquanto ferramenta Educadora

O termo "*bushcraft*", de origem australiana, é o conhecimento prático do mundo natural que levamos connosco na cabeça e nos músculos. Mas é muito mais que apenas sobrevivência. É um tesouro perdido de sabedoria, que nos permite sentir uma real empatia com a paisagem.

O *bushcrafter* (se bem que não me agrada o nome, porque se trata apenas de um modo de interagir com o meio e não de uma prática definida) sabe tirar partido do que a natureza lhe oferece, pela continuada exploração do meio natural, de técnicas tradicionais e primitivas e de todo um conjunto de disciplinas que recuperam conhecimentos que já foram parte essencial do nosso quotidiano há não tanto tempo quanto isso.

Isto permite um enorme alargar de horizontes, porque nos leva a descobrir um mundo, desde o parque ao lado de casa até aos confins remotos da terra, com a mesma facilidade e alegria, uma vez que existe natureza para descobrir em todos os recantos, não estando dependentes de atividades pré-programadas, do tempo, do clima, do dinheiro ou do equipamento.

Explorar passa a estar dependente apenas do conhecimento pessoal e da vontade.

Muitas vezes o *bushcraft* é confundido com a sobrevivência. Isto acontece porque muitas das técnicas são semelhantes, mas existe uma diferença tremenda. Enquanto que o recurso a técnicas, sejam elas modernas ou primitivas, para a manutenção da vida seja um último recurso - as técnicas de sobrevivência são 90% preparação,



antecipação e gestão do risco, porque a melhor maneira de evitar um golpe é não estar lá - no *bushcraft* o recurso a estas técnicas tem em vista por um lado, o proporcionar de conforto em campo prescindindo de equipamentos modernos e, por outro lado, um desafio pessoal de aquisição de conhecimentos e domínio de técnicas.

Troca-se o fogão pela fogueira acesa com a fricção de dois paus porque não nos pesa na mochila, o gás não tem que ser extraído, processado, transportado, embalado, distribuído. A madeira já lá está, será queimada num local



onde o impacto do fumo será pouco significativo, e o sub-produto irá ser devolvido à terra na forma de adubo, sem deixar vestígios da nossa presença.

É portanto uma atividade de impacto positivo, mais do que apenas uma atividade de “*leave no trace*”, muito em voga nas atividades de *outdoor*.

O *bushcrafter* aprecia a natureza e sabe quando e onde pode usar os recursos que tem, de um modo sustentável, porque compreende o seu lugar no grande esquema das coisas e tem noção do impacto da sua presença e ação.

Num mundo cada vez mais sintético e assético, este contacto intenso com a natureza traduz-se numa série de vantagens inestimáveis para o homem moderno.

Além de todas as vantagens físicas e psicológicas sobejamente conhecidas da interação com a natureza, o *bushcraft* leva-nos a interagir, mais do que apenas

apreciar, devolvendo a dimensão humana ao meio natural e fazendo-nos sentir que somos parte indivisa desse meio e que temos o nosso lugar e papel a cumprir.

É esse sentimento que nunca nenhuma educação ambiental promovida em sala de aula, ou mesmo através da mera observação, poderá traduzir.

Enquanto ferramenta educativa, o *bushcraft* possui um apelo enorme junto das camadas mais jovens. Todo o imaginário do explorador das regiões remotas, independente e auto-suficiente, que sabe cuidar de si em qualquer situação, desenvolve nos jovens a autoconfiança e a vontade de se superar, aliada ao respeito pelo meio e pelos outros. Não é por acaso que a arte do mato está na génese do escutismo: a descoberta da natureza é em si uma escola de carácter, porque o meio pode ser inclemente, as consequências do erro são imediatas e nós somos pequenos e biodegradáveis.

Além da presença constante do risco a que estamos cada vez menos habituados, (apesar da cidade ser sobejamente mais perigosa que qualquer floresta), que dá ao jovem um sentimento de estar vivo tão necessário e que hoje procura nas atividades “radicais”, o *bushcraft* também proporciona um desejo de aprender.

Sabendo que apenas aumentando o seu conhecimento pode ir mais longe e por mais tempo, a aprendizagem de



um qualquer tema passa a ser mais do que conhecimento académico, transpondo-se para uma utilidade prática real e imediata, o que aumenta exponencialmente o seu interesse. E se no *bushcraft* todas as disciplinas são importantes, porque todas elas nos proporcionam algum conhecimento útil no imediato, também é uma porta de entrada para um estudo mais aprofundado de disciplinas que anteriormente se consideravam aborrecidas.

Também a arte e a espiritualidade estão presentes no *bushcraft*, porque são parte integrante da natureza humana e não há nada em que o homem se empenhe com entusiasmo que não seja afetado por um destes conceitos, mais ainda quando se trata de fazer algo com as suas próprias mãos. É impossível não nos sentarmos sozinhos, no meio do mato, em frente a um fogo acolhedor depois de um dia duro de caminhada, e não olhar para o céu com

todas as questões que nos assolam desde o alvorecer da humanidade.

Mas o melhor acontece quando voltamos para casa. De repente a nossa rua deixa de ser apenas uma rua. As árvores deixam de ser umas desconhecidas e passam a ser a olaia, o choupo, o acer, cujos ciclos conhecemos e que aguardamos com entusiasmo. O relvado deixa de ter “ervas daninhas”, e passa a estar pejado de saborosos dentes-de-leão ou da curativa tanchagem. Ficamos mais atentos aos ciclos naturais e passamos a apreciar todas as estações com o que elas têm para oferecer, deixando de estar reféns do verão que nos faz desperdiçar três quartos do ano. Os vestígios do cão que ali passou a perseguir um gato e que deixou a sua marca na lama, aquela planta invasora que não cresce mais porque a colhemos regularmente e com a qual fazemos artesanato. Passamos a querer fazer mais percursos a pé porque há sempre mais alguma história a descobrir no meio do betão, e passamos a querer ter tempo para os fazer.

E passamos a querer menos betão. Cidades mais equilibradas, mais sustentáveis, mais naturais.

Meter a mochila às costas e partir à aventura passa a ser coisa de todos os dias.

E talvez a nossa sobrevivência, enquanto sociedade, tenha que passar por este despertar.

Texto de Pedro Alves (instrutor da Escola do Mato)

Fotos de Facebook da Escola do Mato